

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

ESCAVAÇÕES DAS MAMOAS 7 E 8 DA URREIRA, ESCARIZ, AROUCA, 1987.

SILVA, Fernando Augusto Pereira da

Ano: 1989 | Número: 99

Como citar este documento:

SILVA, Fernando Augusto Pereira da, Escavações das mamoas 7 e 8 da Urreira, Escariz, Arouca, 1987. *Revista de Guimarães*, 99 Jan.-Dez. 1989, p. 290-318.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmiento.uminho.pt

URL: www.csarmiento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Escavação das Mamoas 7 e 8 da Urreira Escariz - Arouca — 1987

FERNANDO AUGUSTO PEREIRA DA SILVA (*)

1. *Introdução*

O estudo dos *tumuli* 7 e 8 da Urreira, freguesia de Escariz, adveio de uma situação de emergência criada pelo facto de o proprietário do terreno pretender instalar no local onde se encontravam implantados aqueles monumentos, um complexo habitacional, para o qual já possuiria a necessária planta aprovada pela Câmara Municipal (1). O alerta para tal situação foi lançado por um aluno da Universidade Portucalense (2), tendo nós de imediato contactado o Serviço Regional de Arqueologia da Zona Centro, no sentido de se realizar a muito curto prazo, uma intervenção de emergência.

Tendo-nos deslocado ao local e contactado com o proprietário e com a Autarquia, foi a mesma campanha de escavações levada a cabo durante as férias de Verão desse mesmo ano de 1987.

A campanha de escavações não incidiu unicamente na Mamoa 7 da Urreira (3), mas também sobre um outro montículo que a limpeza do mata-gal, encetada pelo proprietário, viria a pôr a descoberto nas imediações da

(*) Centro de Arqueologia de Arouca. Soc. Port. de Antropologia e Etnologia.

(1) Segundo nos seria informado pelo Gabinete Técnico e pelo topógrafo da Câmara Municipal de Arouca, tal planta de urbanização existia de facto só que tinha caducado o prazo pelo que teria que submeter nova planta para aprovação, a qual não lhe seria concedida até que fossem estudados os monumentos.

(2) Luís Miguel da Silva Pinho, a quem expressamos os nossos agradecimentos.

(3) Inicialmente, aquando da referência a este monumento houve confusão com outro, o número 6 da Urreira, assim indicado no nosso inventário porém, o n.º 7 era um monumento inédito.

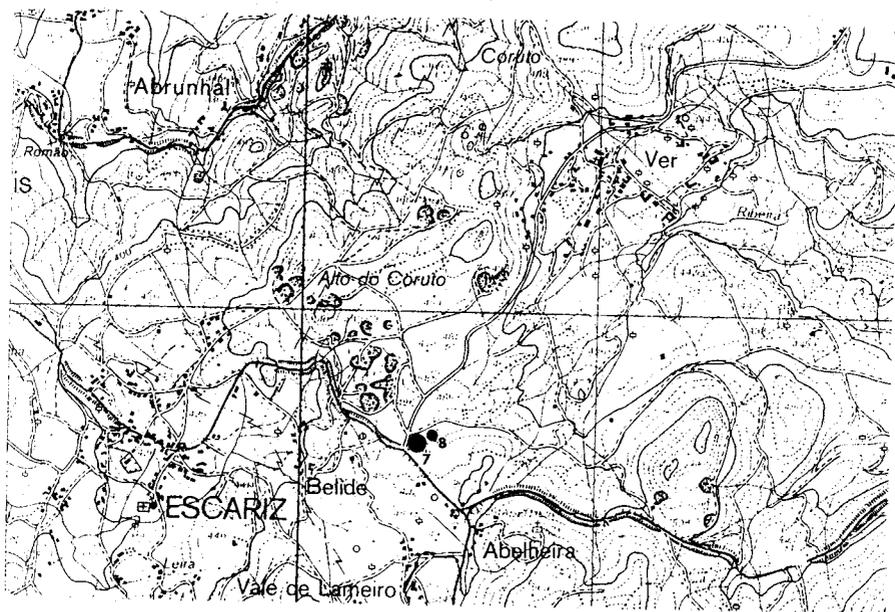


Fig. 1 — Localização das Mamoas 7 e 8 da Urreira, segundo a Carta Militar de Portugal, folha 144 Canêdo (Feira), Escala 1/25.000, S. C. E.

Mamoas 7, e que devido às dimensões reduzidas e forte vegetação que cobria inicialmente todo o terreno, tinha sido «esquecido» quando visitamos o local para nos inteirarmos da situação em que se encontrava o monumento que ficaria denominado Mamoas 7 da Urreira.

Refira-se que, durante a campanha de escavação nos dois montículos até então inéditos (4), pudemos assinalar dois outros, o que fez aumentar para dez o número de *tumuli* agora existentes neste núcleo o que o torna num dos núcleos maiores de todo o Conjunto Megalítico de Escariz, e um dos que em maior risco de destruição se apresenta pois nas suas imediações, além de existir uma área urbanizada, mantém-se também a laborar uma pedreira, pelo que a curto prazo será de prever campanhas de escavações intensivas para o local da Urreira (5).

As escavações da Mamoas 7 e Mamoas 8 da Urreira, autorizadas por Despacho de 19 de Agosto de 1987 (6), contaram com o apoio financeiro do Instituto Português do Património Cultural e tiveram a participação de numerosos jovens nacionais e estrangeiros, assim como licenciados em História e em Arqueologia (7), tendo-se ainda contado com o apoio logístico da Câmara Municipal de Arouca e demais entidades, a quem expressamos os nossos mais sinceros agradecimentos (8).

2. *Localização das Mamoas 7 e 8 da Urreira e metodologia utilizada no seu estudo*

As mamoas 7 e 8 da Urreira, localizadas na freguesia de Escariz, concelho de Arouca, estão inseridas no grande núcleo funerário da Urreira, o qual conta presentemente com dez *tumuli*, conforme já deixámos dito a

(4) Como nos referimos, o núcleo da Urreira era apenas composto por seis *tumuli*, tendo o 7, 9 e 10 sido assinalado pelo aluno Luís Miguel e o 8 por nós próprios durante os trabalhos de escavação da Mamoas 7.

(5) A Câmara Municipal de Arouca e mesmo o proprietário dos terrenos estão ao corrente da situação, estando nós próprios a acompanhar todo o processo.

(6) Ofício n.º 11871.

(7) Queremos agradecer particularmente ao Ex.º Senhor Presidente da Assembleia Municipal de Arouca Prof. Zeferino Brandão, aos Drs. Maria de Lurdes Benigno, António-Manuel Silva e Eulália Ayala i Verdu, ao Eng.º Isidre Manzanis i Morell, ao aluno da Univ. Barcelona Manfred Diez i Garcia por toda a colaboração prestada.

(8) Também ao proprietário do terreno queremos agradecer as facilidades concedidas. Sr. José Gomes Moreira Leite.



Fig. 2 — Aspecto da Mamoa 7 da Urreira antes do início dos trabalhos arqueológicos.



Fig. 3 — Vista da Mamoa 8 da Urreira.

páginas precedentes. Tais monumentos, pouco distanciados entre si, formam um dos núcleos mais importantes existentes naquela freguesia, conjuntamente com os da Aliviada e Alagoas (9). Como se conhece para outras regiões, também aqui se assiste a uma forte nuclearização entre as estruturas deposicionais mortuárias, a que corresponde uma grande variabilidade estrutural, como as escavações nos diversos monumentos da região têm demonstrado.

O *tumulus* 7 apresentava-se como um montículo de grande volumetria, pese embora o seu aplastamento e violação que tornava as suas formas escamoteadas, que o amontoado de lajes graníticas ajudava a dissimular. Implantado numa pequena elevação inscrita numa chã, era satelitizado por um montículo de reduzidas dimensões, a que inventariamos com o n.º 8, para maior facilidade de identificação. Sobranceira ao que é hoje a estrada municipal n.º 519, outrora um caminho carreteiro, a Mamoa 7 da Urreira viu, aquando das obras de construção e alargamento consequente daquela estrada, amputarem-lhe o *tumulus*, de que resultou ficarem à vista alguns trechos do anel de contenção periférica (Fig. 2).

A Mamoa 8 da Urreira, satélite do monumento 7, está localizada a pouco mais de quarenta metros, para NNE da Mamoa 7, numa chã aplanada, onde ocupa uma posição muito apagada, em virtude das suas reduzidas dimensões face ao maior tamanho do montículo que lhe é próximo. Apesar desse aspecto pouco relevado na paisagem, limpo de vegetação o montículo revelou apresentar uma planta de contorno sub-circular, sendo toda a sua superfície coberta por um nível de pedras pequenas de quartzo hialino, que o fazia sobressair dos tons castanhos da massa terrosa de que era formado.

Além desse aspecto estrutural, o montículo deixava assomar em cerca de 0,10 metros de altura, uma laje de granito orientada de NNW-ESE, bem fincada no montículo. Centrado no *tumulus* podia-se observar um enorme raizeiro de eucalipto, o qual danificou por completo a estrutura deposicional funerária aí existente, como a escavação acabaria por mostrar (Fig. 3).

As coordenadas geográficas de ambas as mamoas são as seguintes:

Mamoas 7 — 40° 55' 18'' Latitude N.,
 0° 43' 48'' Longitude E.Lx.;

(9) O núcleo de Alagoas conta presentemente com 11 *tumuli* e o da Aliviada com 7.

Mamoas 8 — 40° 55' 20'' Latitude N.,
0° 43' 51'' Longitude E.Lx.,

segundo a Carta Militar de Portugal, Serviço Cartográfico do Exército, Folha 144 Canêdo (Feira), na Escala 1/25.000 (Fig. 1).

De referir que estes monumentos, para além de estarem inseridos no núcleo da Urreira, estão situados a cerca de 500 metros de uma estação arqueológica que parece possuir alguma importância para a região, localizada no cimo do Monte Curuto, a qual numa prospekção de superfície deu, entre outros materiais, que apontam para épocas mais tardias, fragmentos de recipientes cerâmicos idênticos aos que se conhecem para estações da Idade do Bronze, como um fragmento de taça carenada em cerâmica de pasta escura e algumas lascas residuais em sílex e quartzo (10).

Toda a região da Urreira, Monte Curuto e Vale Lameiro, segundo os dados de que dispomos, apresenta uma grande riqueza arqueológica pois, desde a existência de *tumuli*, passando pelas estações que parecem apontar para ocupação humana remontando à Idade do Bronze e prosseguindo pelas épocas castreja e medieval, assim como sepulturas cavadas na rocha (11), há toda uma diversidade cronológico-cultural que parece indicar um povoamento constante ao longo de diferentes momentos, encontrando-se presentemente em risco a sua sobrevivência, quer devido ao avançar das pedreiras quer ao desenvolvimento da urbanização a que se assiste na região.

A metodologia utilizada para o estudo dos dois *tumuli* da Urreira foi a que temos vindo a utilizar no estudo de estruturas congêneres e que se caracteriza, em linhas gerais, pela montagem de uma malha regular de dois metros de lado, cobrindo todo o montículo funerário, após o desbaste do matagal; levantamento planimétrico, marcação de quatro sanjas de escavação, perpendiculares entre si, onde se procederá primeiramente à decapagem superficial, para detecção da estrutura de cobertura e, após desmonta-

(10) Prospekção de superfície de Luís Miguel da Silva Pinho.

(11) A informação que possuíamos desde já algum tempo, era de que a sua descoberta, há cerca de trinta anos, tinha levado à sua destruição contudo, foi possível ainda verificar a existência de uma, escavada na rocha, mutilada em cerca de metade, de que fizemos o levantamento respectivo. É muito provável a existência de outras, nas proximidades, pelo que aguardamos que o proprietário proceda ao desmatamento do terreno, para verificarmos tal hipótese.

gem da mesma, decapagem fina até ao nível da alterite de base, obtendo-se dois cortes longitudinais segundo os eixos cardeais.

No caso da metodologia para o estudo da Mamoa 8, face à área reduzida de intervenção que a mesma apresentava, optou-se por uma escavação integral das quadrículas marcadas, tendo assim o montículo sido decapado desde o topo até à alterite de base, em duas áreas alternadas de 4 metros quadrados cada, seguindo-se em todo o procedimento restante a metodologia geral a que já nos referimos.

3. A Mamoa 7 da Urreira

3.1. — O *tumulus*

Após a desmontagem do amontoado de blocos graníticos existente sobre o montículo, e de se ter efectuado o desbaste da vegetação que o cobria, pôde-se então constatar que se estava perante um *tumulus* de planta elíptica, com um eixo maior orientado no sentido Norte-Sul, de cerca de 22 metros e um eixo menor, Este-Oeste, de cerca de 18 metros, apresentando-se cortado na sua vertente Oeste, em sentido Norte-Sul, o que poderá ser a razão principal da diferença de diâmetro que apresenta o eixo «menor» (Fig. 4).

A limpeza do corte e sua verticalização permitiu observar de imediato a estrutura de contenção periférica, a qual era de construção robusta, formada por grandes blocos pétreos em granito, assentes sobre um nível de terras escuras, tendo o sector terminal directamente sobre a alterite granítica de base (Fig. 5).

A decapagem dos quadrantes previamente estabelecidos, a que demos orientação segundo os pontos cardeais, revelaria a existência de uma estrutura pétreia de cobertura do *tumulus*. Tal couraça de aspecto muito destruído, foi testemunhada em todas as áreas decapadas, mas tal não nos garante que a mesma cobrisse por completo o montículo, embora não possamos garantir o contrário (Fig. 6), já que a leitura vertical das sanjas de escavação poucas informações nos dá nesse sentido.

No sector Norte, após a remoção das terras superficiais para verificação da couraça, constatou-se que a este nível se lhe sucedia uma camada de blocos graníticos de maiores dimensões que, numa sanja paralela, aberta para melhor esclarecimento da situação, se viria também a revelar, embora nesta a couraça se apresentasse mais destruída. A desmontagem da cober-

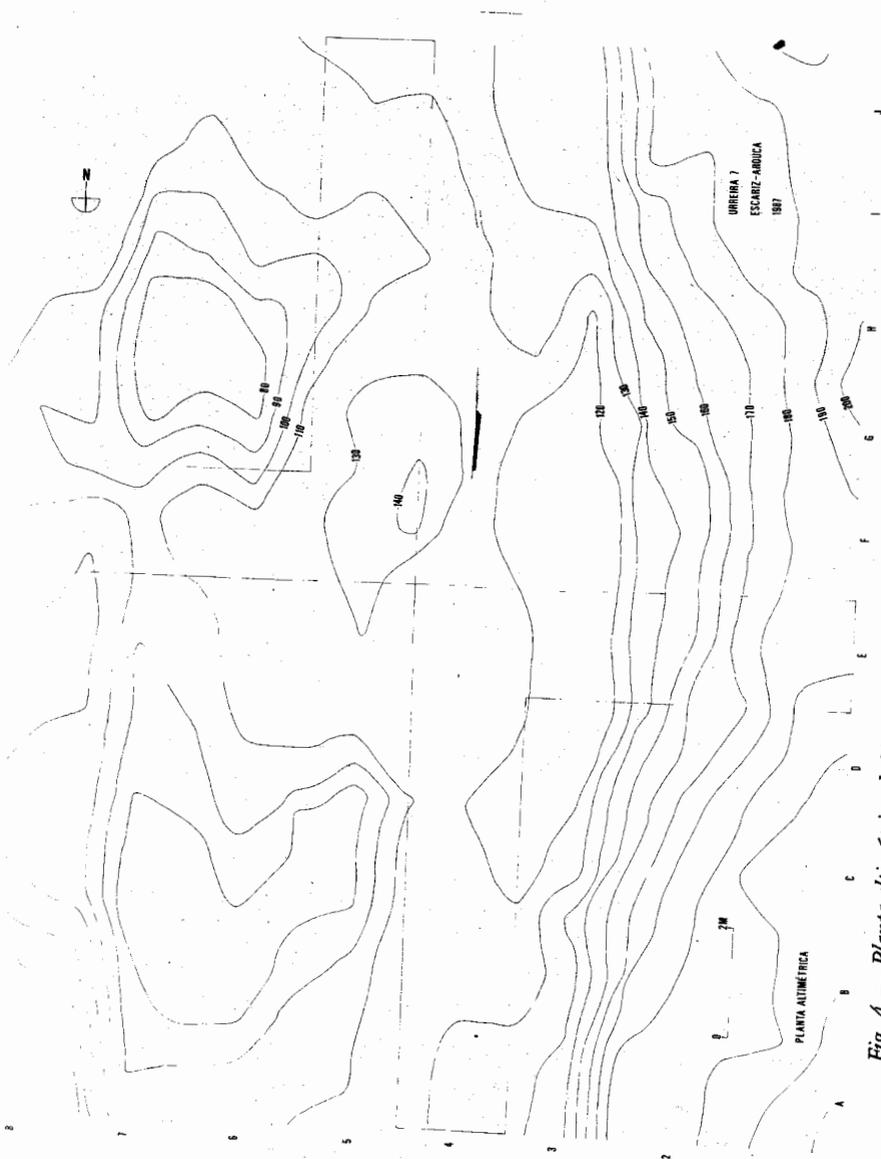


Fig. 4 — Planta altimétrica da Mamoa 7 da Urreira. Equidistância das curvas de nível, 10 cm.

tura lítica permitiu a decapagem das terras das sanjas até à alterite de base e obter dois cortes perpendiculares, de que se fez a seguinte leitura:

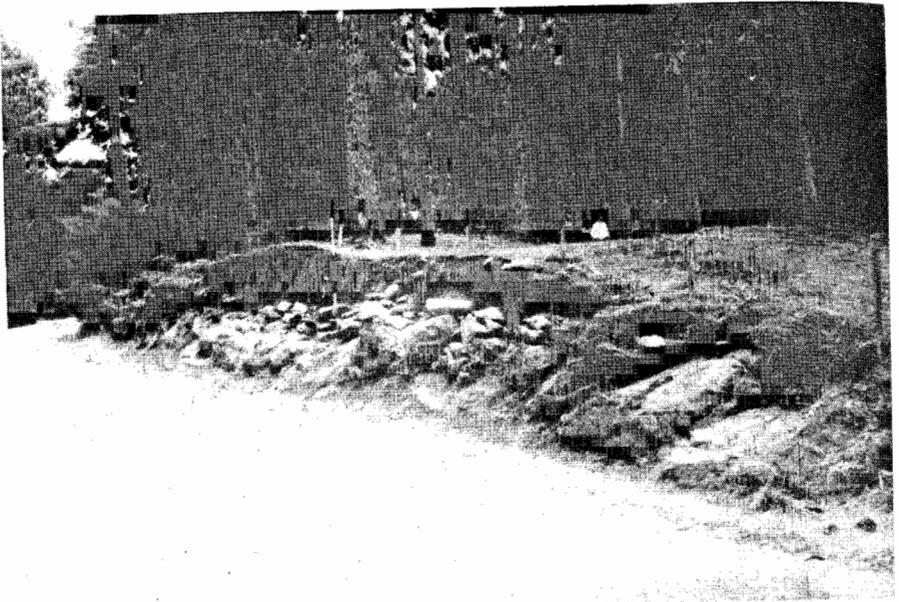


Fig. 5 — Aspecto do corte Norte-Sul, vertente Oeste, da Mamoa 7 da Urreira, após a limpeza do mesmo e verticalização, podendo-se apreciar testemunhos estruturais líticos.

Corte NNE-SSW (Fig. 7)

- 01 — camada pouco espessa de terra humosa, com grande percentagem de matéria orgânica;
- 02 — terra do *tumulus*, de coloração castanha escura, quase negra, granulometria quartzítica de fina a média;
- 03 — camada de terra castanha clara, com manchas de coloração castanha-amarelada, de composição arenosa, imediatamente acima da alterite de base;
- 04 — alterite granítica de base, de coloração amarelada;
- 05 — nível correspondente ao negativo da violação, o qual abrange a quase totalidade do montículo.

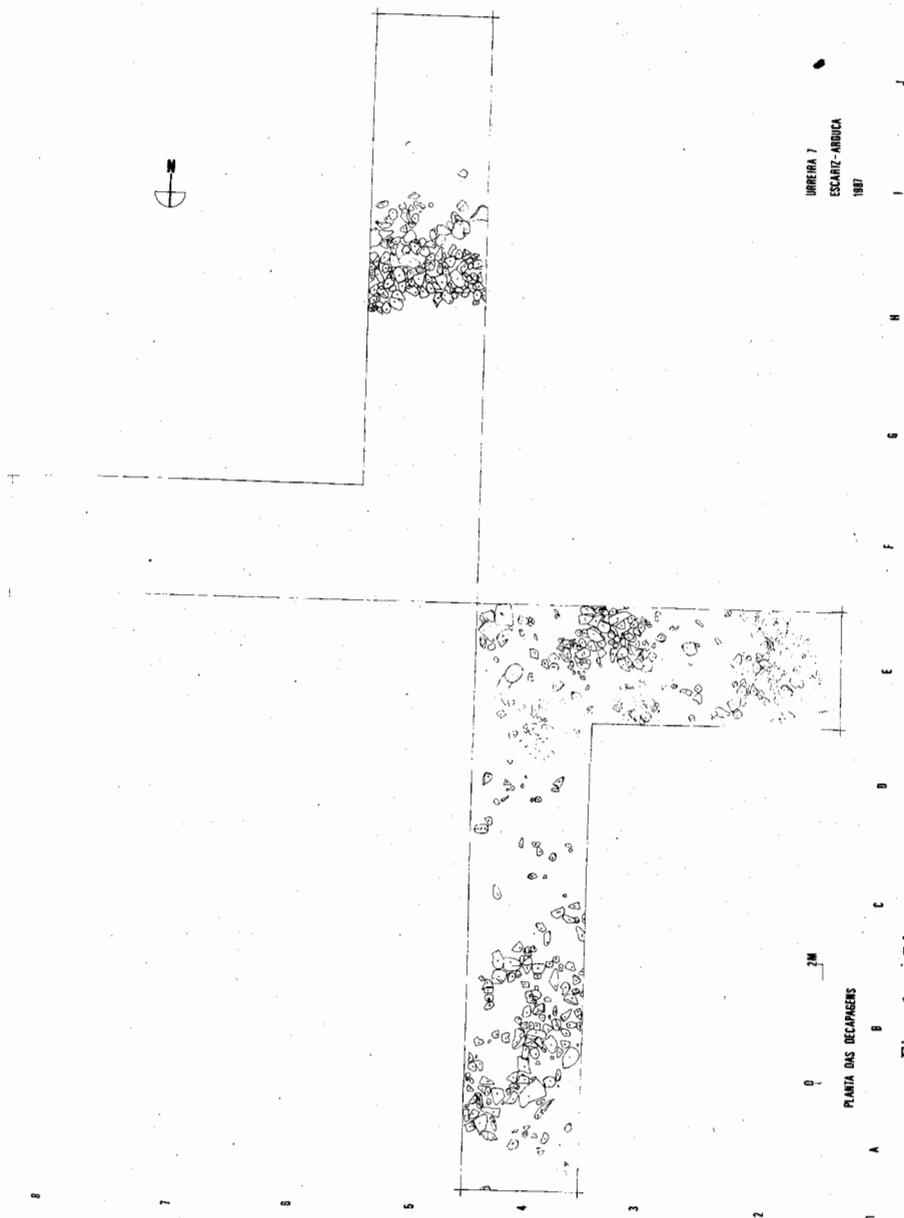


Fig. 6 — Planta das áreas de decapagem onde se irão desenvolver posteriormente os trabalhos de escavação até à alterite de base, segundo o método de decapagem fina.

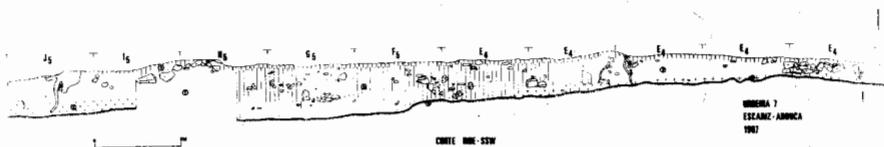


Fig. 7 — Corte NNE-SSW. Leitura no texto.

Corte WSW-ENE (Fig. 8)

- 01 — camada idêntica à do corte da figura n.º 7;
- 02 — camada idêntica à do corte da figura n.º 7;
- 03 — camada idêntica à do corte da figura n.º 7;
- 04 — camada idêntica à do corte da figura n.º 7;
- 05 — camada idêntica à do corte da figura n.º 7;
- 06 — camada pouco espessa de terra de coloração negra;
- 07 — camada de terras de coloração cinzento-claro;
- 08 — camada de terras misturadas em que se verificam terras de tonalidade cinzento-claro, castanho-escuro, quase negro;
- 09 — banquetta de terra de coloração amarelada, textura saibrosa, de grande compacticidade, parecia rodear o espaço destinado à câmara funerária.

De ambas as leituras estratigráficas que foi possível obter ressalta uma certa homogeneidade na composição terrosa do *tumulus*, em que predominam as terras castanhas escuras, típicas dos solos superficiais existentes na região. Quanto à camada que aparece referenciada com o n.º 03, ela tem já a ver com um nível geológico; quanto à camada 09, ela é idêntica à

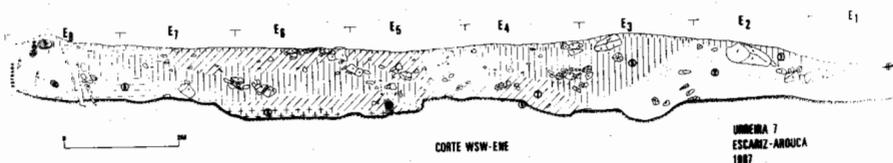


Fig. 8 — Corte WSW-ENE. Leitura no texto.

03, podendo ter aí sido colocada intencionalmente, pelos construtores do monumento, como se conhece em outros casos, delimitando o espaço deposicional funerário (12). Para os restantes níveis, com excepção do 01, estamos em crer que correspondem a todo o remeximento de que o monumento foi alvo, e que o atingiu na quase totalidade, como as escavações o verificaram.

Em conclusão à análise do *tumulus* da Mamoa 7 da Urreira, feita a partir dos cortes estratigráficos obtidos, parece podermos afirmar que estamos perante um montículo «clássico», formado por terra e pedras, materiais recolhidos na superfície, nos arredores onde o monumento foi construído, cobrindo o todo uma área deposicional funerária, de que trataremos de seguida, ao falarmos das estruturas internas da mamoa. Estruturalmente, o *tumulus* aparece-nos idêntico àqueles que temos estudado na região considerada (13).

3.2. — Estruturas internas do «tumulus»

A abertura das sanjas de escavação, se por um lado permitiu ler estratigraficamente o montículo, segundo eixos perpendiculares ao mesmo, tornou também acessível o contacto com a estrutura interna que aquele encerrava, ainda que não na totalidade pois que os vestígios da área deposicional funerária não eram de molde a permitir a sua compreensão. Contudo, foi possível aperceber a estrutura de contrafortagem da câmara funerária e a coroa circular de contenção periférica do *tumulus*.

Assim, no que diz respeito à contrafortagem da câmara, o seu aspecto é o de um grande amontoado de blocos graníticos, de médias e grandes dimensões, bem estruturados, dispondo-se em arco, assente numa potência de terra de 0,40 metros. Esta estrutura, de que apenas se assinalou bem conservada, na sanja Norte A e B (Fig. 9, 10, 11) um tramo, deveria rodear, possivelmente, a área deposicional funerária porém, toda a parte em falta deixou apenas vestígios da sua existência.

As destruições que se terão verificado neste monumento como ficou

(12) A existência de um «anel» de barro, ou saibro, rodeando uma câmara funerária megalítica nunca tinha sido assinalada para os monumentos estudados na região, sendo mais um aspecto do polimorfismo do megalitismo desta área.

(13) Com excepção da Mamoa 2 da Aliviada, onde estamos perante um «*tumulus* pétreo», ou «cairn», todos os outros são maioritariamente construídos de terra e pedras.

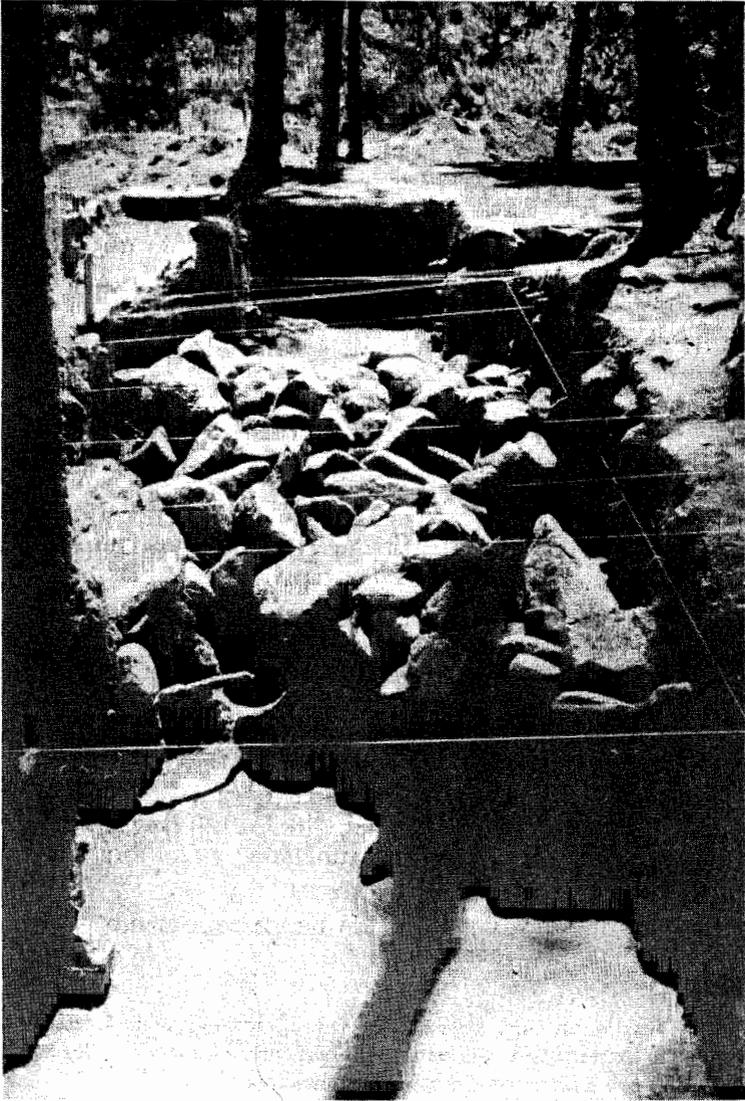


Fig. 9 — Vista do anel de contrafortagem da câmara megalítica.

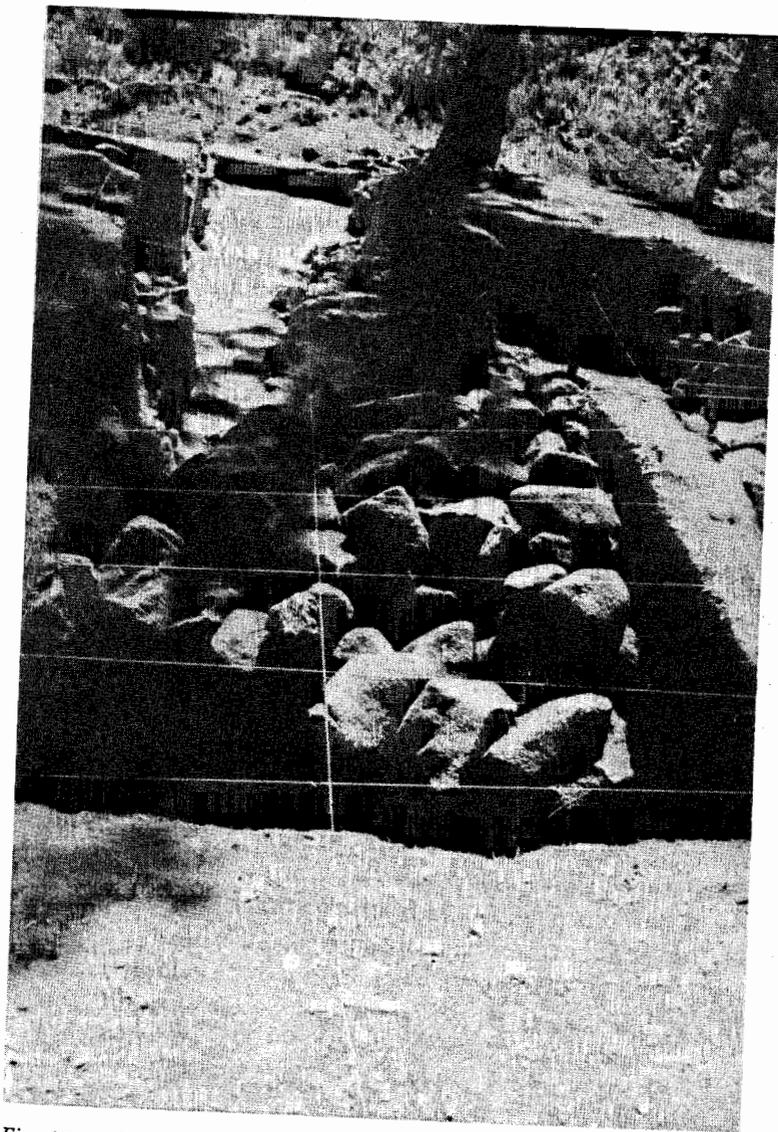


Fig. 10 — Outro aspecto do anel de contrafortagem da câmara funerária.

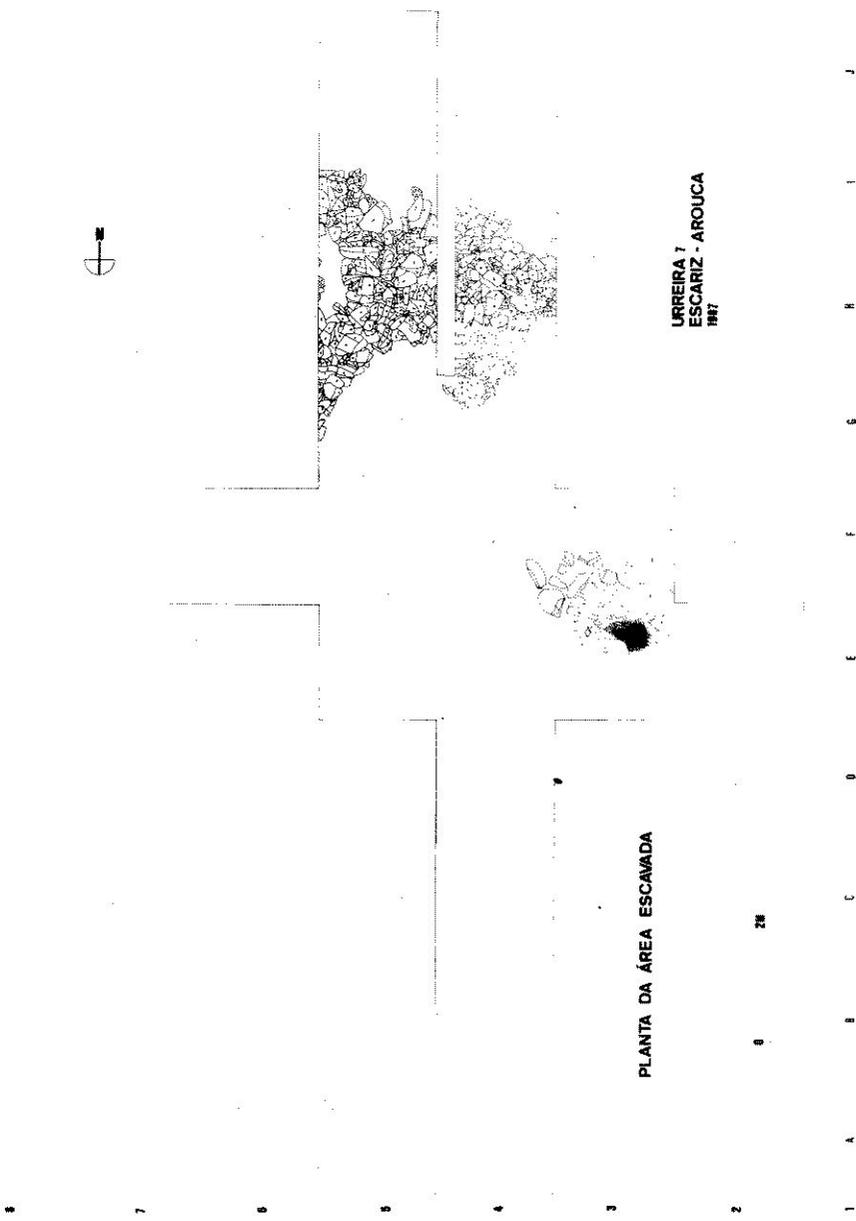


Fig. 11 — Planta do anel de contrafortagem da câmara funerária e estruturas assinaladas ao nível da alterte de base; F — possível vala de colocação de esteio formativo da câmara funerária.

bem demonstrado durante os trabalhos de escavação, causaram também a perda irreparável da câmara funerária que teria existido no interior, pelo que se desconhece por completo o seu aspecto, tendo-se apenas assinalado o que parece ter sido uma vala de colocação de esteio, que se apresentava rodeada de grandes pedras, podendo ter servido de «calces» (Fig. 11), achando-se tal vala atulhada de «bogalhos» carbonizados, à mistura também com radículas carbonizadas. Na área circundante a esta vala existia o que pareceu tratar-se de uma banquetta de terras de composição saibrosa, podendo ter correspondido a um nível de saibro apisoado, que rodearia a área funerária, como se conhece para outros monumentos (14). Refira-se que para além dessa vala mais nenhuma outra foi assinalada, de maneira que pudesse ser ligada à construção da câmara megalítica. Na realidade, e pese embora a escassez de dados de que dispomos sobre a câmara funerária que terá existido na Mamoa 7 da Urreira, pelas estruturas em presença julgamos que terá aqui existido uma grande câmara poligonal, que lembra a da Mamoa 2 da Aliviada-Escariz (SILVA, 1987), não devendo possuir corredor algum de acesso pois na escavação nada nos foi revelado que pudesse apontar nesse sentido.

A outra estrutura a que nos referimos, também revelada pela escavação, refere-se à coroa circular de contenção periférica do *tumulus*. Tal coroa era constituída por grandes blocos graníticos de aspecto muito boleado, encaixados uns nos outros, formando apenas uma única fiada de pedras, sendo de referir que na sanja Este, na formação da coroa circular de contenção periférica se assinalou um bloco granítico que terá sido por certo um esteio de uma qualquer câmara funerária, reaproveitado, como assinalamos para o «cairn» da Mamoa 2 da Aliviada (15).

Concluindo este ponto apenas se nos oferece dizer que, se a Mamoa 7 da Urreira já se nos apresentava como um montículo estruturalmente comum aos já estudados nesta e em outras regiões, a nível das estruturas internas apenas se nos afigura sumariar os aspectos que foi possível observar e que não se afastam também daqueles conhecidos, como seja a existência de um «cairn» de grandes blocos contrafortando uma grande câmara funerária, de que desconhecemos a tipologia e a existência de uma coroa circular que, rodeando o *tumulus*, lhe serviria de contenção periférica.

(14) Vid. Nota 12.

(15) Silva, F.-A. P., 1987, *Escavação da Mamoa 2 da Aliviada (Alviada)* — Escariz, Arouca, 1984, «Arqueologia», Porto, 15, pp. 77-91.

4. *Espólio funerário*

A este nível pudemos constatar que se as estruturas tumulares se apresentaram muito destruídas, o espólio apareceu escasso e fragmentado.

Num total de noventa e cinco elementos referenciados, o espólio distribui-se entre o material lítico e o material cerâmico, reduzindo-se aquele ao material em pedra lascada.

Espólio lítico (Fig. 12)

- 1 — fragmento de lâmina em sílex, ponta proximal, assinalada nas terras superficiais do sector Sul do *tumulus*; sobre a couraça de cobertura.
- 2 — lasca residual em sílex, com vestígios de cortex, tem retoque abrupto no bordo lateral direito. Assinalada nas terras de remeximento do *tumulus*.
- 3 — fragmento de núcleo exangue, em sílex, assinalado nas terras de violação. São visíveis o bolbo de percussão e o cortex.
- 4 — lamela em sílex, fragmentada no bordo lateral direito, apresenta retoque semi-abrupto no bordo lateral esquerdo. Foi assinalada nas terras de violação.
- 5 — raspador em quartzo leitoso, sob lasca, assinalado nas terras de violação.
- 6 — lamela em quartzo hialino, com a ponta distal fracturada, assinalada nas terras de violação.

Espólio cerâmico (Fig. 12)

a) — *cerâmica não decorada*

- 1 — fragmento de parede e arranque de fundo de recipiente de pasta alaranjada, com elementos n. p. de grão médio a grosso. Superfícies interna e externa muito erodidas. Parece ter pertencido a uma pequena taça esférica. Assinalado nas terras de violação.

b) — *cerâmica decorada* (Fig. 12)

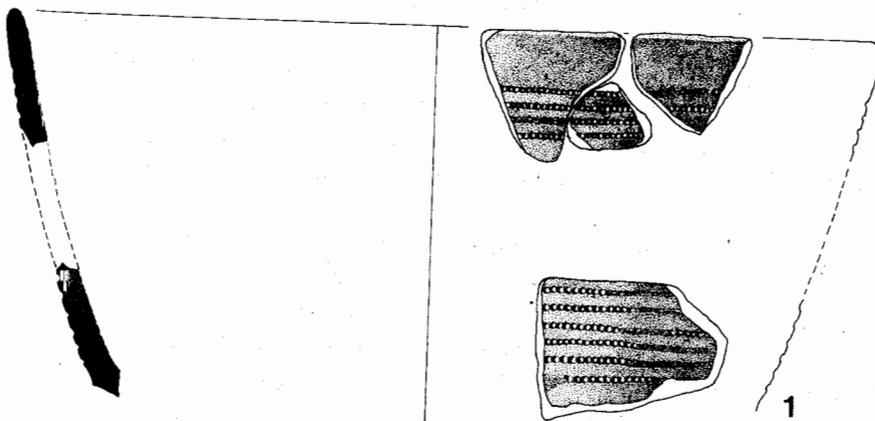
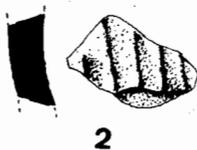
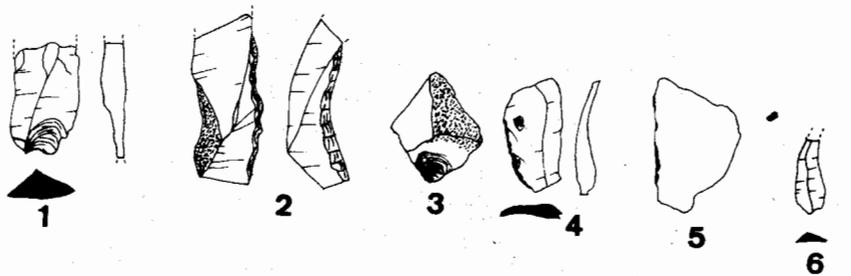


Fig. 12 — Espólio da Mamoa 7 da Urreira.

- 1 — sete fragmentos cerâmicos pertencentes a um mesmo recipiente, decorados com bandas alternadamente decoradas por impressão e bandas mais largas sem decoração alguma. A separação do bordo, do colo, é feita por uma banda decorada, também impressa, não tendo aquele, decoração alguma. O fundo do recipiente, segundo o fragmento em nosso poder, parece ser plano e também não decorado. A pasta apresenta coloração alaranjada e cerne negro, tem e. n. p. de grão fino e médio. Todos os fragmentos foram assinalados nas terras de violação do *tumulus*.
- 2 — fragmento de recipiente cerâmico, parede, decorado com caneluras verticais. Pasta de coloração castanho-alaranjado, com e. n. p. de grão fino. Assinalado nas terras de violação.

5. A Mamoa 8 da Urreira

5.1. O *tumulus*

Montículo quase que diluído na paisagem, não ocupa posição alguma de relêvo, pelo contrário, a sua localização deveu-se a um feliz acaso, como já referimos a páginas precedentes. Localizado nas imediações da Mamoa 7, partilha com esta o mesmo espaço, embora numa posição mais descendente, colocando-se claramente numa situação satelitizante, marginal àquele *tumulus*.

As decapagens grosseiras realizadas em quadrículas alternadas, mostraram que este pequeno montículo funerário, pese embora as reduzidas dimensões que comportava, pouco mais de quatro metros de diâmetro, era coberto por uma couraça de pedra miúda, à base exclusivamente de quartzos leitosos, apresentando-se na generalidade em mau estado de conservação (Fig. 13, 14 e 15). Esta carapaça de cobertura apresentava um espessamento nos sectores terminais, idêntico ao que conhecemos para os verdadeiros *tumuli* «megalíticos» da região, inclusivé no caso da Mamoa 7 da Urreira.

Sob esse espessamento da cobertura pétrea pudemos verificar, na Q.A2, que o *tumulus* era rodeado por um anel de pedras de granito, de dimensões medianas, muito boleadas, em tudo semelhante aos anéis de contenção periférica dos *tumuli* de maiores proporções, embora aqui, para a Mamoa 8, tal função não pareça ter significado devido ao pouco volume de terras que constitui este montículo.

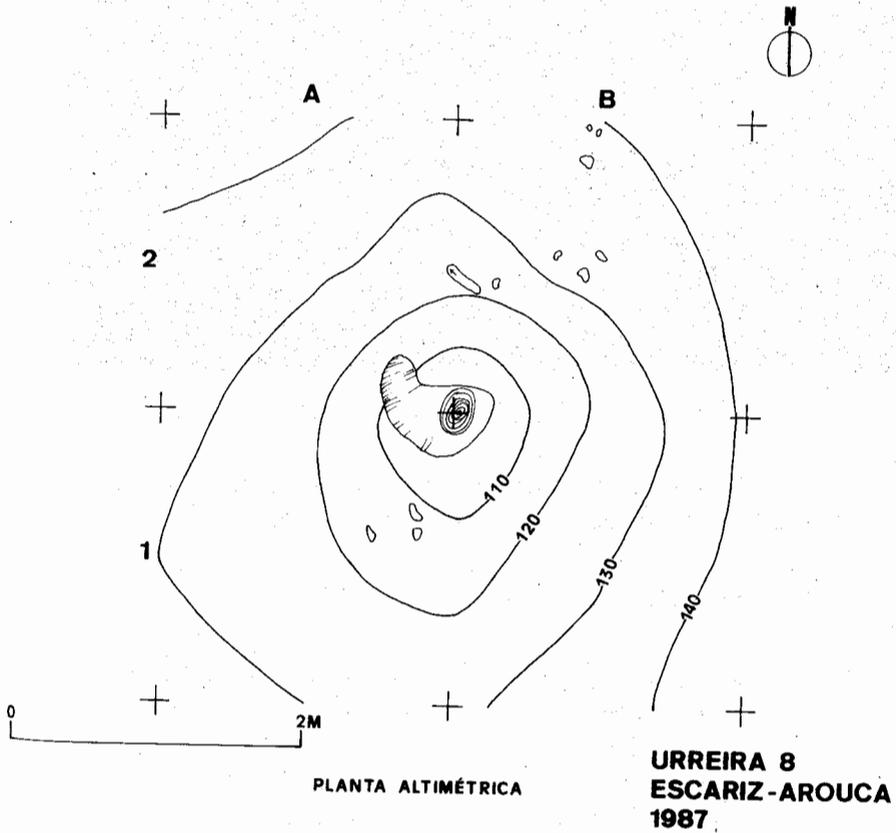


Fig. 13 — Planta altimétrica da Mamoa 8 da Urreira.

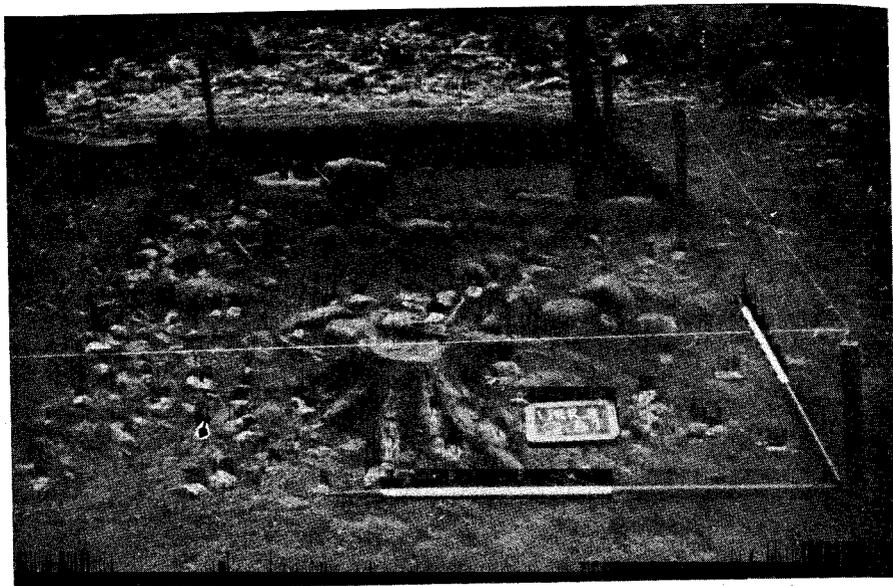


Fig. 14 — Aspecto das áreas decapadas na Mamoa 8 da Urreira.

Estratigraficamente constata-se uma grande homogeneidade, com apenas um nível de massa monticular, assim discriminado:

Corte Norte-Sul e Corte Este-Oeste (Fig. 16, 17)

- 01 — corresponde a um nível de pouca espessura, formado por terras humosas de coloração acastanhada;
- 02 — terras tumulares propriamente ditas, apresentam uma composição à base de terras castanhas muito escuras, quase negras, não se divisando sub-nível algum. São terras com grande quantidade de radículas e raízes, parecendo em tudo idênticas às que se podem observar nos arredores, tanto pela coloração, como pela granulometria.
- 03 — corresponde à alterite de base que, devido à proliferação de raízes se apresenta completamente alterada, destruindo-se mesmo ao leve contacto. Trata-se de alterite xisto-grauváquica de base.

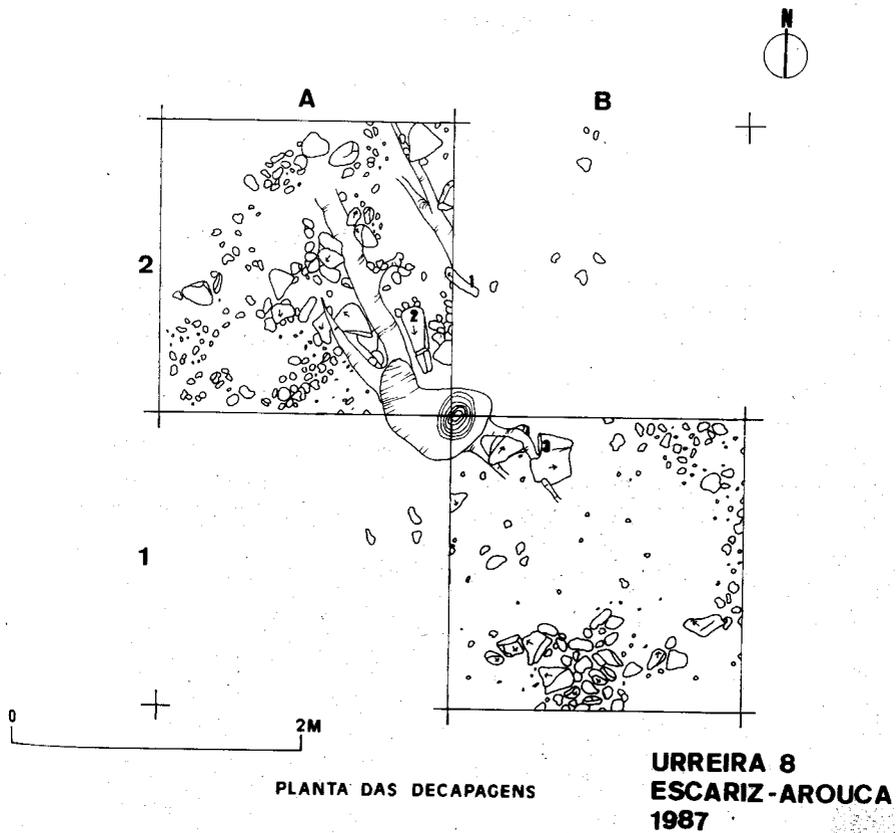


Fig. 15 — Planta das áreas decapadas da Mamoa 8 da Urreira.

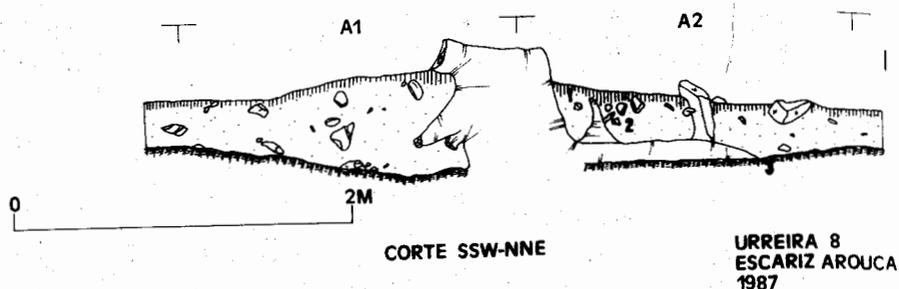


Fig. 16 — Corte Norte-Sul da Mamoa 8 da Urreira. Leitura no texto.

Uma análise sucinta do montículo mostra-nos que, apesar de se tratar de um monumento funerário que tudo indica pertencer a uma fase mais tardia das construções tumulares sob montículo, verifica-se a persistência de um conjunto de características que, medidas as devidas proporções, encontram paralelos nas grandes construções «megalíticas», não faltando nem a cobertura lítica nem mesmo uma coroa de contenção periférica, mostrando assim uma mesma linha de humanização paisagística tradicional, parecendo apontar para uma grande pervivência dos costumes tradicionais, em termos de concepção arquitectónica, que não necessariamente mental.

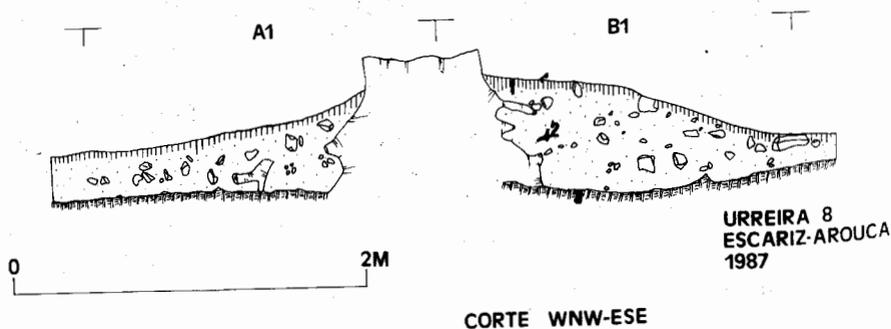


Fig. 17 — Corte Este-Oeste da Mamoa 8 da Urreira. Leitura no texto.

5.2. — A estrutura funerária interna

A escavação mostrou, apesar do estado de destruição originado pelas raízes da vegetação e do grande eucalipto existente sobre o *tumulus*, que estávamos perante uma pequena cista formada por um número indeterminado de lajes pois apenas foram assinaladas três pequenas lajes graníticas (Fig. 18), de que apenas pudemos garantir que se encontrava *en situ*, pois as outras duas, além de fragmentadas pelas raízes do eucalipto encontravam-se fora dos locais originais. Apesar disso, parece-nos que a cista não seria formada por grande número de lajes, devido ao pouco espaço que ocuparia no centro do *tumulus*.

Quanto à orientação que teria, tomando-se como ponto de referência as três lajes citadas, teríamos que a cista estaria orientada segundo um eixo de ESE-NNW.

Esta cista, que ocuparia um lugar central no *tumulus* da Mamoa 8 da Urreira, era rodeada por um anel de blocos de pedra, em granito, de pequenas e médias dimensões, elementos esses também muito boleados pelo uso. Tal anel, que formava uma coroa envolvente da cista, embora pelos dados que possuímos não possamos inferir que rodearia por inteiro o «cofre» funerário, parece que não arrancava directamente das paredes externas

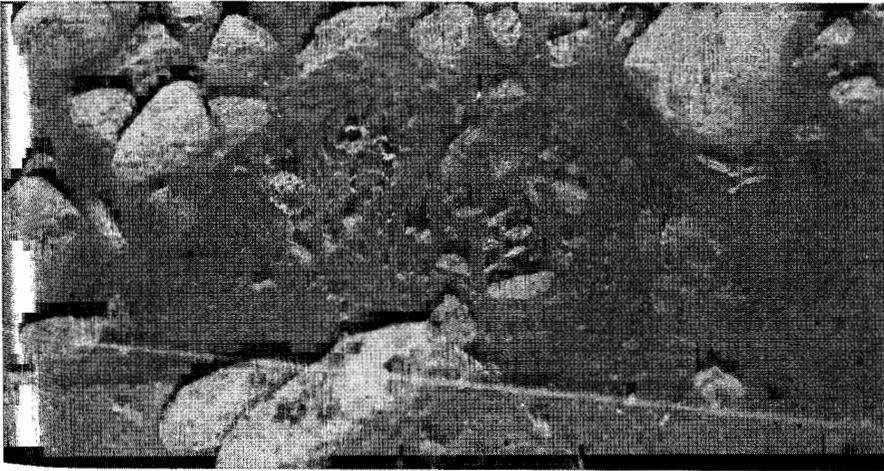


Fig. 18 — Planta das estruturas decapadas ao nível da alterite de base. Em primeiro plano pode-se observar uma das lajes da cista e, em plano recuado, parte da coroa de blocos graníticos que a rodearia, sem contudo ter funções de contrafortagem, como se verifica em outros monumentos.

das lajes formativas da cista pois, como pudemos constatar na Q.B2, troço melhor conservado, está a razoável distância daquela, como que delimitando um espaço sub-circular, vazio, em seu redor (Fig. 18).

Pode ter-se dado o caso de esse espaço, agora sem pedras, corresponder a um negativo de violação porém, a composição da massa terrosa nesse local, em análise macroscópica, revelou uma mesma composição granulométrica e na compacticidade, donde nos parecer que, em relação ao aspecto original, não terá havido alterações significativas, para além daquelas que a vegetação poderá ter realizado ou então, a terem-se verificado alterações elas não se encontravam no registo arqueológico quando procedemos ao estudo deste monumento.

Deste modo, atendendo ao que pudemos registar dos trabalhos arqueológicos, estamos em crer que a cista ocuparia um espaço sensivelmente central no anel de blocos graníticos, o qual não teria função alguma de contrafortagem, donde o carácter funcional deste anel parecer não existir.

Refira-se que, apesar da meticulosidade com que os trabalhos foram realizados, não foi assinalado espólio algum referente à cista funerária, não facilitando assim o posicionamento cronológico-cultural da mesma, pelo que aguardaremos a descoberta e estudo de monumentos similares que nos permitam um conhecimento mais detalhado deste tipo de estruturas funerárias (16).

6. *Sondagens arqueológicas na área envolvente dos tumuli 7 e 8 da Urreira*

Na proximidade das Mamoas 7 e 8 da Urreira, à semelhança também do que assinalamos quando procedemos ao estudo da Mamoa 1 e 2 da Aliviada (17), verificamos a existência, a cerca de 30 metros para SSE da Mamoa 7, de uma vala orientada Este-Oeste. Tal vala apresentava-se como

(16) Trata-se do primeiro estudo de uma tumulação em cista, sob *tumulus*, na região, embora duas outras estruturas idênticas tenham já sido estudadas, porém, insertas na massa tumular de um grande montículo funerário, a Mamoa 2 da Aliviada. Na região conhecem-se alguns pequenos montículos que cobrirão, possivelmente, estruturas funerárias tipo cista, pelo que aguardamos com interesse os estudos a levar a cabo em tais monumentos.

(17) Vid. nota 15.

uma depressão alargada, com uma profundidade de pouco mais de 0,60 metros, a contar do nível do terreno, com secção em *U* e contendo de ambos os lados daquela, taludes, não se assemelhando assim a nenhum caminho carreteiro, ao mesmo tempo que também não parecia assemelhar-se a nenhuma vala de drenagem das águas.

Pusemos assim a hipótese de tal vala estar ligada à extracção de terras, aquelas que os construtores empregaram na construção dos *tumuli* 7 e 8, razão pela qual decidimos levar aí a cabo uma sondagem arqueológica, tanto mais que toda a área iria ser, futuramente, revolvida por trabalhos de terraplanagem. Envolvendo estas construções funerárias sob *tumulus*, particularmente os grandes montículos funerários, grandes massas de terra, que para algumas regiões parece estar comprovada a sua extracção local (18), nada mais natural que esses movimentos de terras tenham deixado o negativo de tais operações, donde nos parecer que tais depressões alongadas, que temos verificado existir próximo a alguns monumentos, possam estar relacionadas com as «colinas» funerárias.

As sondagens incidiram tanto na vala como nos taludes, contudo os resultados obtidos ficaram muito aquém do que esperávamos pois, retirada a camada humosa superficial, deparamos imediatamente com a alterite xisto-grauváquica de base, muito compacta e sem indicação alguma de alteração do substrato rochoso. Os taludes deram também uma composição de xisto-grauvaque, mostrando terem sido terras retiradas para abertura da vala e posteriormente depositadas lateralmente, nada se podendo concluir.

7. Considerações finais

A escavação de emergência que incidiu nos *tumuli* 7 e 8 da Urreira, freguesia de Escariz, embora tenha aportado poucos dados, apresentou contudo um saldo positivo, tanto mais que permitiu o estudo de duas estruturas funerárias condenadas a desaparecer, enriquecendo assim os nossos conhecimentos sobre as tumulações em monumentos funerários sob *tumulus*.

(18) Madeira, M. A. V. e Medina, J. M. B., 1981, *Ensaio de aplicação da Pedologia à Arqueologia. O caso das mamoas da Serra da Aboboreira. Resultados e perspectivas*, «Arqueologia», Porto, 4, pp. 69-73.

Em linhas gerais, tanto para a Mamoa 7 da Urreira, como para a Mamoa 8, encontrámo-nos perante dois montículos formados basicamente por terra e pedras, pese embora as diferenças de volume, porém em ambos os casos existe uma carapaça lítica que cobre tais *tumuli*. Também em ambos os casos se verificou a existência de uma coroa circular, periférica ao *tumulus*, que se na Mamoa 7 poderá estar ligada a funções de contenção da massa tumular e delimitativa do próprio monumento, já para a Mamoa 8, a primeira função de tal coroa pétreia não parece a mais significativa, tendo-se em atenção o volume reduzido de terras que a mesma comporta, pelo que é possível a sua função ser aqui mais cultural, simbólica, que funcional.

Quanto às áreas funerárias que tais *tumuli* cobriam, estamos pior informados para a da Mamoa 7 do que para a da Mamoa 8, embora também neste monumento haja lacunas inultrapassáveis, por falta de elementos. Assim, a câmara funerária do primeiro monumento é possível que tenha sido uma grande câmara megalítica, hipoteticamente poligonal, de que apenas conhecemos a possível localização de um esteio, o que é pouco significativo. Que deveria tratar-se de um grande espaço deposicional funerário parece-nos não haver dúvida face ao grande anel de contrafortagem que o rodeou, tão imponente como o «cairn» da Mamoa 2 da Aliviada (19).

Já a estrutura funerária que terá existido na Mamoa 8, é de melhor conhecimento. Tal *tumulus* cobriu uma cista funerária, possivelmente idêntica aos modelos conhecidos da Idade do Bronze, assinalados em outras regiões, tendo da sua estrutura chegado até nós apenas três lajes. Esta cista era rodeada por um anel de blocos graníticos que contudo não estavam adossados às lajes da cista, ocupando esta o ponto central do *tumulus*, tinha entre si e o anel um enchimento à base de terra do montículo (20).

Também ao nível dos espólios as informações se apresentam muito truncadas para a Mamoa 7 e inexistentes, para a Mamoa 8.

Para o primeiro caso, tendo o monumento sido completamente revolido, o pouco espólio que nos chegou até nós é pouco significativo e fragmentário, sendo talvez o dado mais importante, o ter-se assinalado pela

(19) Vide nota 15.

(20) Por tal motivo, e também derivado do tamanho da cista, não somos de opinião que a função do anel fosse a de contrafortar a própria cista, deve antes tratar-se de uma delimitação simbólica, para a qual não temos explicação alguma.

primeira vez (21), cerâmica decorada com padrão campaniforme, a bandas estreitas decoradas por impressão, possivelmente com rodízio, sucedem-se bandas mais largas não decoradas, o que poderá apontar para a utilização deste monumento durante épocas posteriores, como o parece também confirmar o fragmento de recipiente cerâmico decorado com caneluras verticais.

A Mamoa 8 da Urreira não deu espólio algum, o que deverá estar ligado ao facto de se tratar de um *tumulus* diminuto, facilmente removível, a que não é estranha a existência de um eucalipto no seu centro.

O enquadramento cronológico-cultural torna-se bastante difícil face à quase ausência de dados porém, algo é possível dizer-se. Assim, ambos os monumentos representam situações distintas, ainda que tenham alguns traços comuns, pois se a Mamoa 7 poderá conectar-se com outros monumentos já estudados na região, como por exemplo Aliviada 2, ou mesmo Aliviada 1 ou Alagoas 1, entre outros, monumentos que se poderão situar entre o Neolítico médio/final e o Calcolítico inicial, com perduração mais tardia no que diz respeito à sua utilização, o mesmo não acontece já para a Mamoa 8 da Urreira, que parece muito mais próxima de monumentos como a «Estrutura periférica 1» da Mamoa 2 da Aliviada (SILVA, 1987), cronologicamente a posicionar na Idade do Bronze. Trata-se de meras hipóteses a comprovar com a continuação da investigação, que por certo contribuirá para uma melhor clarificação dos problemas que se apresentam.

(21) Há que referir a existência de um pequeno fragmento de recipiente cerâmico, parte de bordo, em que se nota a existência de decoração impressa, muito apagada, e que é proveniente da Mamoa 2 da Aliviada, e que carece de análise mais detalhada. Cerâmica campaniforme seria assinalada, pela primeira vez, na escavação da Mamoa 1 do Castelo, Fajões. Corresponde a um recipiente acampanulado, com decoração pontilhada.

BIBLIOGRAFIA

- Jorge, S. O (1986), *Povoados da Prê-História Recente da Região de Chaves-Vila Pouca de Aguiar*. I.A.F.L.U.P., Porto, Vol. I, pp. 850-863, 935-945.
- Jorge, V. O. (1982), *Megalitismo do Norte de Portugal: o Distrito do Porto — os monumentos e a sua problemática no contexto europeu*, F.L.U.P., Porto, Vol. I.
- Kalb, Philine e Höck, M. (1979), *Escavações na necrópole de mamoa «Fonte da Malga» (Viseu-Portugal)*, «Beira Alta», Viseu, vol. XXXVIII, n.º 3, pp. 595-604.
- Silva, F.-A. P. (1986), *Mamoa 2 da Aliviada-Escariz*, «Informação Arqueológica», Lisboa, 6, pp. 30-31.
- Silva, F.-A. P. (1986-a), *Monumentos Megalíticos da freguesia de Escariz (Arouca). Ponto da situação à luz dos primeiros trabalhos*, «Trabalhos de Antropologia e Etnologia», Porto, 26 (1-4), pp. 51-74.
- Silva, F.-A. P. (1986-b), *Mamoa 1 de Alagoas-Escariz*, «Informação Arqueológica», Lisboa, 7, pp. 9-12.
- Silva, F.-A. P. (1987), *Características do Megalitismo na freguesia de Escariz (Concelho de Arouca)*, «Actas das I Jornadas de História e Arqueologia do Concelho de Arouca», Arouca, pp. 21-38.
- Silva, F.-A. P. (1987-a), *Escavação da Mamoa 2 da Aliviada (Alviada)-Escariz, Arouca, 1984*, «Arqueologia», Porto, 15, pp. 77-91.
- Silva, F.-A. P. (1987-b), *Mamoa 4 da Aliviada-Escariz*, «Informação Arqueológica», Lisboa, 8, p. 9.
- Silva, F.-A. P. (1989), *Mamoa 1 do Calvário. Escariz-Arouca*, «Arqueologia», Porto, 19, p. 72-84.
- Silva, F.-A. P. (1989-a), *Escavação da Mamoa 4 de Alagoas (Escariz-Arouca), 1987-1988*, «Trabalhos de Antropologia e Etnologia», Porto, 29 (1-4) p. 47-71.